

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER E O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO, SOB A ÓTICA DAS DIFERENTES TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO: JEAN PIAGET, VYGOTSKY E WALLON

The Enigma of Kaspar Hauser and The Boy Who Harnessed the Wind, from the perspective of different development theories: Jean Piaget, Vygotsky and Wallon.


Tainam Guairê Rocha Silva¹

UNIFAAHF – Luís Eduardo Magalhães/Bahia
tainamgrs2000@yahoo.com.br

 lattes.cnpq.br/2824785702614248

Thays Batista de Jesus²

UNIFAAHF – Luís Eduardo Magalhães/BA
thaysbatista@outlook.com.br

 lattes.cnpq.br/5391883240721027

Resumo: O presente artigo, tem como objetivo a exploração das teorias de Piaget, por sua minuciosa exploração dos aspectos cognitivos do desenvolvimento; de Wallon, pela rica contribuição a respeito da representatividade emocional e motora durante processo de maturação e Vygotsky, por sua teoria que enfatiza o social e o linguístico na construção do homem. O artigo pesquisa enredos artísticos que exploram a potencialidade e a defasagem em relação à aspectos do desenvolvimento humano, através da análise dos filmes, *O Enigma de Kaspar Houser* e *O Menino que Descobriu o Vento*. O análise dos filmes à luz das abordagens teóricas dos citados autores clássicos fora possível revelar, por exemplo, fatores que possibilitam o entendimento da genialidade de William, personagem do filme *O Enigma de Kaspar Houser* em seu contexto, e os fatores necessários para formar um ser humano contextualizado com os atos inovadores apresentados na obra. E a discussão do quão plausível é o personagem Kaspar Houser em sua história, mostrando as diferenças entre o filme e as perspectivas teóricas, através de um gesto de reflexão sob a lógica das mesmas. Ressalta-se que todos os teóricos se apresentam indispensáveis para a análise do fenômeno do desenvolvimento humano apresentado em ambos os filmes, bem como, a junção de suas teorias mostram as diversas facetas de William e colocam mais dúvidas sobre a história de Kaspar, além de promover reflexões sobre o enredo do filme que retrata a história do menino que descobriu o vento.

Palavras chave: Psicologia do desenvolvimento humano. Produções cinematográficas. Interpretação.

Abstract: This article aims to explore Piaget's theories, for his thorough exploration of the cognitive aspects of development; Wallon, for his rich contribution regarding emotional and motor representativeness during the maturation process and Vygotsky, for his theory that emphasizes the social and linguistic in the construction of man. The article investigates artistic plots that explore the potential and the gap in relation to aspects of human development, through the analysis of the films, *The Enigma of Kaspar Houser* and *The Boy Who Harnessed the Wind*.

¹ Graduando em Psicologia no Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira - UNIFAAHF

² Docente do curso de Psicologia Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira UNIFAAHF, (Profa. orientadora do presente artigo).

by Kaspar Houser and The Boy Who Discovered the Wind. The analysis of the films in the light of the theoretical approaches of the aforementioned classic authors had been possible to reveal, for example, factors that make it possible to understand the genius of William, a character in the film The Enigma of Kaspar Houser in his context, and the factors necessary to form a being contextualized with the innovative acts presented in the work. And the discussion of how plausible the character Kaspar Houser is in his story, showing the differences between the film and the theoretical perspectives, through a gesture of reflection under their logic. It is noteworthy that all theorists are indispensable for the analysis of the phenomenon of human development presented in both films, as well as the combination of their theories show the diverse facets of William and pose more doubts about Kaspar's history, in addition to promote reflections on the plot of the film that depicts the story of the boy who discovered the wind.

Keywords: Psychology of human development. Film productions. Interpretation.

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO; 1 OS FILMES NA PERCEPÇÃO DAS TEORIAS DA PSICOLOGIA GENÉTICA DE JEAN PIAGET; 1.1 Teoria de Jean Piaget; 1.2 Kaspar Houser sob a ótica de Piaget; 2 O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE PIAGET; 2.1 Análise do Filme de Acordo com a Teoria piagetiana; 2.2 Piaget e a moral; 2.3 A moral de Piaget aplicado ao personagem William; 3 KASPAR HOUSER E O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE; VYGOTSKY; 3.1 Teoria de Vygotsky; 3.2 Análise do personagem Kaspar Houser sob a ótica de Vygotsky; 3.3 Análise do filme *O Menino que Descobriu o Vento* de acordo com a perspectiva de Vygotsky; 4 KASPAR HOUSER E O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE HENRI WALLON; 4.1 Teoria de Wallon; 4.2 Kaspar Houser à luz de Wallon; 4.3 O personagem Willian sob a ótica de Wallon; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Jean Piaget e seus quatro estágios do desenvolvimento (sensório-motor; Pré-operatório; Operatório-Concreto; e Pensamento abstrato), com principal foco em sua noção construtivista do conhecimento; seguindo com Vygotsky e sua ênfase no ser sócio-histórico, com destaque das fases da linguagem (social, egocêntrica, e interior); e por fim: Wallon com a uma exploração maior no campo dos afetos, e seus quatro estágios (Impulso emocional, exploração, personalidade, categorial). Todos esses trabalhos abrem grandes leques para a formação do homem, abrindo espaço para a indagação sobre como aplicar cada uma dessas perspectivas como ferramentas da análise de cenários reais ou fictícios.

Com o título original em alemão *Jeder für sich und Gott gegen alle*¹ (1974), dirigido por Werner Herzog e baseado no romance *Caspar Hauser oder die Trägheit des Herzens*² (1908), escrito por Jakob Wasserman. O Enigma de Kaspar Houser é um filme que retrata a história de um jovem mantido em cativeiro onde até então não teria nenhum contato prévio com a

sociedade. A trama se inicia com esse sendo libertado e deixado sozinho ao meio da cidade de Nuremberg, na Alemanha ocidental em 1828. (SABOYA, 2001).

O jovem, chega à cidade apenas sabendo escrever seu nome, e em cativo é mostrado que ele sabia pelo menos uma palavra: “*Hourse*”, que pronunciava ao brincar com um cavalo de madeira, único objeto que, aparentemente, possuía. Na tentativa dos cidadãos de lhe ensinarem novas habilidades, como falar, Houser apresentava dificuldades de cunho majoritariamente lógico, que não conseguia superar, pois dizia não conseguir assimilar noções científicas ou concepções abstratas como a ideia de Deus. Mas apesar das dificuldades que expressava, pode aprender facilmente coisas como jardinagem e até música.

O ponto forte para a discussão psicológica no filme, neste presente trabalho, é a interpretação de acordo à lógica das teses de diferentes autores da área da aprendizagem na psicologia, sob o fenômeno apresentado (alguém que cresceu sem contato social na infância até a adolescência se chocando com o mesmo contato). Propondo reflexões do fenômeno de acordo com cada uma das áreas, além de discuti-las e compará-las.

Deve-se atentar também para a idade³ de Kaspar que se vai fazer a análise, pois foram encontrados, divergências quanto a idade do mesmo quando foi executada a busca por referências e obras que o mencionam. Neste trabalho será considerado a idade de 15 ou 16 anos, postura tomada pelo artigo de Saboya (2001), a qual faz a revisão de alguns estudos sobre Kaspar.

O Menino que Descobriu o Vento (2019), produzido por Chiwetel Ejiofor, baseado na história real de William Kamkwamba, filho de pequenos agricultores numa região seca de Kasungu, no país Malawi na África. Neste local o menino de 14 anos desenvolve um gerador movido à força do vento, com peças simples coletadas de amigos e do lixo.

Tal aparelho erguido sob três troncos de eucalipto gerou energia suficiente para irrigar as plantações de seu povoado. O fator impressionante, demonstrado na obra, foi sua inteligência mesmo com uma escolarização precária criando algo que tirou seu povo da seca e da fome, além da perseverança visto que teve de frequentar a biblioteca da escola clandestinamente pois seus pais não tinham dinheiro para pagar, e depois convencer os mesmos a deixar que ele usasse a bicicleta como componente do gerador. Ou seja, em um ambiente completamente desfavorável, um garoto teve a genialidade de fazer algo que transformou sua comunidade.

³ Numa tradução livre para o português: Kaspar Hauser ou a inércia do coração

Esses dois tipos de histórias abrem espaço para a discussão de diferentes teorias do aprendizado humano, sendo o objetivo do trabalho, analisar os enredos à luz das perspectivas de tais teorias. A análise dos filmes será pela dinâmica narrativa com elementos de ponto de vista

A justificativa para tal trabalho se dá no próprio debate sobre as diferentes linhas de pensamento do desenvolvimento da aprendizagem. Que será feito misturando temas históricos e majoritariamente artísticos com os saberes acadêmicos aplicados nos cenários propostos. Assim, enriquecendo os conteúdos disponíveis em diferentes perspectivas desse mesmo tema, Aprendizagem.

1 OS FILMES NA PERCEPÇÃO DAS TEORIAS DA PSICOLOGIA GENÉTICA DE JEAN PIAGET

1.1 Teoria de Jean Piaget

Como apresentado na bibliografia dado no livro de Rego, C. (2018a), *Jean Piaget: os caminhos do conhecimento: a trajetória de um intelectual em direção à construção de uma epistemologia genética*, Jean Piaget, foi um grande nome da psicologia em sua busca pelo desenvolvimento do saber do homem, de sua gênese (início da vida) até a fase adulta. A partir de suas pesquisas, o autor define que inteligência/conhecimento se desenvolvem numa relação construtivista sobre uma base biossocial, na qual a possibilidade da compreensão do indivíduo sobre determinado objeto depende do seu estágio de desenvolvimento, ou seja, a estrutura fisiológica e mental precisa estar em certo nível de desenvolvimento para a compreensão de determinada lógica. Porém, este fisiológico e mental, tem seu desenvolvimento dependente das interações das quais o indivíduo faz com o meio.

Segundo a descrição de sua teoria no livro *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão* por La Taille; Oliveira; Pinto (1992), para alguém aprender a falar usando na fala o símbolo “tempo” é necessário estruturas cognitivas para a compreensão do tempo. E para se chegar nesse estado cognitivo é necessário um grande repertório anterior do indivíduo com o mundo, onde será construído a noção de tempo, ou seja, essa noção é anterior à linguagem.

Em outras palavras a criança nasce sem saber das lógicas que operam no mundo, sua percepção de realidade não é inata, ela é construída, então ao nascer, o ser não reconhece nem a própria diferença entre ele e o mundo, essa construção vem com as interações do ser com os objetos à sua volta, e assim suas estruturas mentais começam a se adaptar ao mundo, essa adaptação faz com que o ser possa interagir melhor e de forma mais rica com os objetos apresentados, esses novos objetos demandam novas adaptações e isto se torna um ciclo permanente até a morte do ser.

E de forma mais clara: o objeto pode ser entendido como qualquer coisa, desde um brinquedo ou pensamento que demanda o trabalho cognitivo. Uma criança para conseguir imaginar um cubo, ela antes precisa interagir com cubos (ou outros objetos tridimensionais), no início ela não sabe imaginar um cubo, nem imaginar a tridimensionalidade dele, mas com o tempo ela vai podendo assimilar seu formato, e seu cognitivo vai se modificar para entender essas formas e então ela vai começar a poder imaginar a tridimensionalidade do cubo, esta noção vai se enriquecer com forme ela interage com novos objetos. Isso ocorre da mesma maneira para tudo, a criança para começar a ter noção de si, antes terá de explorar os limites físicos entre ela e os outros, e conseguir desenvolver o pensamento de *self*.

Piaget definiu 4 estágios principais do desenvolvimento: sensório-motor (0 a 2 anos); pré-operatório (2 aos 6 anos); operatório-concreto (6 aos 10 ou 12 anos); e operatório-abstrato (12 a todo o restante da vida).

Posto que, como dito anteriormente, os estágios de desenvolvimento dependem da interação do ser com o meio, os estágios anteriores podem ocorrer em idades diferentes, dependendo da cultura ou idiossincrasias da criação do indivíduo e da sua interação com o mundo, podendo ocorrer desde um desenvolvimento precoce de um estágio em certa idade ou, até o não desenvolvimento de um estágio (advertindo que, é necessário o desenvolvimento pleno de um estágio anterior para se passar ao seguinte, como uma “construção”).

1.2 Kaspar Houser sob a ótica de Piaget

Iniciando essa discussão é importante inferir que, apesar da proposta desenvolvida no filme de representar alguém que nunca teve contato social entrando na sociedade, numa interpretação Piagetiana, esse filme apresenta alguns equívocos sobre o que aconteceria com Kaspar Houser se isso realmente tivesse acontecido. Os erros e próximos acertos dados no filme serão discutidos ao decorrer do desenvolvimento.

Visto que a teoria de Piaget é construtivista os aspectos do desenvolvimento apresentados, também anteriormente, dependem da interação do ser com o meio, ou seja, Kaspar não só apenas saberia falar como também apresentaria grandes défices lógicos na compreensão do mundo ao seu redor, dando um exemplo mais concreto, ele não seria apenas um estrangeiro que aprende outra língua, ele seria alguém que não teria boas estruturas cognitivas para compreender as questões colocadas na língua, com dificuldades de se imaginar em situações hipotéticas, dificuldade de entender a lógica matemática; não seria capaz de prever fenômenos físicos como aquela sensação que: uma espada fina empurrada contra o seu corpo pode atravessar o seu peito⁴

A respeito das fases as quais o indivíduo perpassa na teoria de Piaget, sensório-motora pré-operatória, operatório-concreto e operatório formal, teria Kaspar em sua torre capacidade para passar tais fases? A resposta é: “talvez”.

Para Piaget o desenvolvimento de esquemas cognitivos, é inato ao indivíduo, por exemplo, para que os bebês brinquem com os objetos não é necessário estímulo, basta que o objeto esteja ao seu alcance e, com a manipulação destes, a criança cria esquemas referentes a física dos objetos com as quais brinca; desenvolve a noção de gravidade. Nisto é possível compreender que aspectos básicos da concepção de mundo como a previsibilidade da noção da gravidade nos objetos não é inata da percepção humana, ela é construída, porém, a busca dessa construção, ou seja, o impulso pela busca do desenvolvimento é inato, como mencionado na obra de Rego (2018a).

Deste modo, mesmo preso numa torre, com apenas um cavalo de brinquedo seria possível (levando que em conta que seja) aprender algumas regras da física, o que possibilitaria o desenvolvimento da fase sensório-motora e pré-operatória; se é possível identificar que uma roda do cavalo de brinquedo só gira se encostada no chão, a partir disso se pode desenvolver esquemas de como fazer a roda girar ou não (ex: colocar o cavalo na diagonal e duas rodas giram, colocar na horizontal e 4 giram, sendo que é impossível só fazer três rodas girarem no chão a não ser que haja um relevo ou um tijolo um pouco acima do outro). Essas conclusões podem ser exemplos de um vago início de posições lógicas, mostrando elementos suficientes para o desenvolvimento do operatório concreto.

Também, se ele pode pensar num momento onde estar comendo “ou” brincando com o cavalo temos elementos suficientes para o desenvolvimento do Operatório-abstrato.

⁴ Referente a cena ocorrida aos 40min46s do filme.

Levando tudo isso em consideração, por que, então, ele teria défices lógicos ditos anteriormente? Apesar de Kaspar ter os recursos para desenvolver os esquemas mentais, a qualidade desses depende da qualidade das interações com os objetos. Crianças normais brincam com diversos objetos, exploram diversos lugares e veem diferentes fenômenos, fazendo com que os esquemas desenvolvidos por crianças que possuem uma maior qualidade de interação sejam muito superiores às que não possuem tal qualidade. Quem dirá Kaspar que só possuía um cavalo de brinquedo e seu alimento, além de apenas ficar em um espaço físico por toda sua infância.

Sendo assim, como alguém que passa de ano apesar de suas notas péssimas, Kaspar passaria de estágios formando uma cadeia de estruturas pobres. Se assim fosse, a passagem entre estes levaria um tempo maior, sua percepção da realidade não compreenderia muitos dos fenômenos físicos, tanto por falta de empirismo, quanto da não assimilação de algum objeto físico que proporcionaria à estrutura cognitiva acomodar-se sob este objeto, criando assim, esquemas para tais movimentos. Como quando Kaspar não antevê os movimentos da maçã ao ser jogada no chão, atribuindo vontade a mesma, pois não compreenderia muito os movimentos de quicar que uma maçã faz no chão⁵. Ou seja, não é previsível ao que Kaspar compreende da física que um objeto atirado terá os efeitos que tem com as propriedades que tem.

Outro grande problema dessa limitação de objetos são as consequências que isso poderia trazer à fase pré-operatória. Tal estágio se caracteriza no amadurecimento da diferenciação entre o ser e os objetos que se dispõem, que se caracteriza em suma, pela formação da própria identidade. Problema central apresentado por uma pessoa que teria vivido isolado em uma torre, como dito no início do filme. O empecilho à socialização se torna um obstáculo para a própria identificação e a formação de um ego, uma noção de si.

Considerando que, os objetos presentes fossem suficientes para a simples maturação do estágio pré-operatório chegando ao desenvolvimento de um “eu” Kaspar, se deduz que as fases seguintes, como operatório-concreto e operatório-abstrato seria de grande pobreza em seus esquemas formados.

Essas duas possibilidades implicam numa margem de erro grande, que será esclarecida ao entrarmos na discussão de Vygotsky. Mas, por agora, levando em conta que caso Kaspar pudesse ter desenvolvido suas fases, mesmo que de forma rasa, ele poderia, sim, ter demorado

⁵ Referente cena ocorrida à 1h05min22s do filme

dois anos, como dito no filme para aprender a falar, e depois disso tocar piano⁶, apesar de ter grandes dificuldades em algumas áreas como apresentado no filme.

Se a torre não fosse suficiente para passar do pré-operatório, após o protagonista entrar em contato com a sociedade este poderia demorar 4 anos até ter uma prévia iteração suficiente para o início de uma noção de identidade e a elaboração de algum raciocínio matemático, e demoraria mais 6 anos até conseguir chegar ao raciocínio abstrato que se caracteriza pela imaginação de situações hipotéticas, como raciocinar sobre possibilidades e fazer planejamentos a longo prazo.

Todo esse processo, levaria em torno de oito a dez anos, pois esse é o tempo que crianças normalmente levam para se desenvolver na cultura ocidental, do estágio pré-operatório ao abstrato (na época a qual Piaget efetuou suas pesquisas).

Levando em conta que ele pudesse, sim, se desenvolver até o último estágio, é possível discutir outras questões abordadas no filme.

No filme, Kaspar apresentou dificuldade em entender o tamanho real da torre com base em sua incapacidade de distinguir dimensão e posicionamento das paredes da torre⁷. Isso seria possível? A resposta é: “provavelmente não” (ou, pelo menos, não da maneira que foi apresentada), pois essa noção de posicionamento é uma das mais básicas noções desenvolvidas no estágio sensório-motor. Na verdade sem um esquema criado para tal característica física das coisas, outros estágios não poderiam ser desenvolvidos, visto que se ele não tivesse tal noção, também não teria noção de que algo que não está em um local possa estar em outro, um raciocínio, que faltoso, impossibilitaria qualquer outra conclusão sobre o mundo pois todo o desenvolvimento posterior depende dessa noção, que é a noção de permanência dos objetos. (LA TAILLE; OLIVEIRA; PINTO, 1992).

Porém, se a dificuldade é em relação a não imaginar o tamanho da torre relativo à distância, isso poderia ser aceitável frente ao desenvolvimento construtivista de Piaget, pois se nunca houve interação visual com um objeto distante o cérebro não desenvolverá essa habilidade. (REGO, 2018a).

A torre não poderia ser um problema, por exemplo, para alguém que já possui o operatório concreto, já que esse possibilitaria a reversibilidade dos eventos, ou seja, ele pode rever a realidade de onde esteve e quando saiu da torre, identificando onde as paredes estão. Além disso, ter capacidade de posicionar um objeto no espaço e no tempo, é o que possibilita a

⁶ Referente a cena ocorrida à 1h00min05s

⁷ Referente a Cena ocorrida à 1h01min25s

identificação de si próprio, e no caso de haver uma noção muito nebulosa no reconhecimento de que o objeto existe (de que um outro existe) também é nebuloso a noção de que “eu” existo, já que não pode se definir um “eu” sem um outro e as duas ideias devem ser sempre equivalentemente claras pela própria natureza dicotômica que possibilita sua noção. (REGO, 2018a)

Outra questão colocada no filme é a dificuldade de Kaspar em criar e contar uma história com início, meio e fim⁸. Numa perspectiva piagetiana, poder-se-ia dizer que esta dificuldade derivada de uma má formação do estágio operatório-concreto onde se trabalham as questões do processo, essa pobre noção do entendimento do processo das coisas culmina na má formulação da contingência da qual desenrolam outros eventos e assim sucessivamente, o que, por sua vez, levaria a uma má formação do operatório-abstrato, acarretando uma maior dificuldade na elaboração mental de eventos hipotéticos. Esses elementos juntos poderiam dificultar o ato de criar histórias. (LA TAILLE; OLIVEIRA; PINTO, 1992).

Sendo, no entanto, a criação de uma história um processo randômico, a ideia de que ele apenas conseguia formular o princípio da história, é uma idiosincrasia não relacionada ao que remete essas dificuldades, já que isso não o impede de começar a pensar numa história pelo final, o problema não está na cronologia, mas na dificuldade em criar uma contingência nessas cronologias.

Kaspar pensaria dentro da torre? Apesar de Kaspar dizer que não pensava em nada dentro da torre⁹, não seria possível que ele não pudesse exercer a faculdade de pensar, tendo pelo menos o nível pré-operatório, muito menos se possuísse o operatório-abstrato, de alguma coisa ele teria tirado a abstração de pensar. Caso ele não tivesse desenvolvido tal faculdade ele estaria pior num quadro de desenvolvimento que a hipótese anteriormente mencionada, onde ele levaria mais de 4 anos para desenvolver o operatório-concreto.

Que defasagens Kaspar poderia apresentar que não foram expostas no filme? Principalmente a habilidade usada do início ao fim do filme a qual se revela em sua profunda abstração do mundo elaborando passagens de um bom pensamento filosófico, ação pela qual teria sérias dificuldades¹⁰. “Quero ser um cavaleiro que voa para um combate sangrento”¹¹; “Para mim os homens são como os lobos”¹²; “a única coisa interessante em mim, é minha

⁸ Referente a cena ocorrida à 1h07min30s

⁹ Referente a cena ocorrida à 1h03min22s

¹⁰ Referente a cena ocorrida à 57min33s

¹¹ Referente a cena ocorrida à 1h00min34s

¹² Referente a cena ocorrida à 1h23min48s

vida”¹³; “Mas, para mim parece que, minha aparição nesse mundo foi um golpe duro”. Tais reflexões postas pelo protagonista, são interpretáveis como críticas elaboradas pelo autor do enredo para com a sociedade, essas que se aproximariam a uma filosofia Nietzscheana ou de Thomas Hobbes, a qual questiona os ídolos sociais, ideais próximos a ideias platônicas, e a gaia ciência, como exemplos. Essa reflexão é apontada pelas frases emitidas por demais personagens no enredo¹⁴: “Um belo registro. Um registro perfeito. Vou lavrar um registro como ninguém viu até hoje”¹⁵; “Deve admitir o mistério da fé sem procurar entender”¹⁶; “Não, não é essa a pergunta. Não, não posso admitir isso”. Essas passagens revelam a cega obsessão dos homens, ou pelo trabalho, ou pela ideia de Deus, ou pela sua formulação “perfeita” de lógica. Tudo isso, enquanto Kaspar apreende e se contenta com sua própria vida como a única coisa, e a única necessária que lhe é importante¹⁷, (NIETZSCHE; SOUZA, 2017).

Apesar de artisticamente congruente com uma possível crítica social do autor da obra, Kaspar provavelmente não seria dotado de reflexões tão ricas, mesmo usando de uma comunicação rudimentar, sendo inesperado a manipulação de objetos mentais tão complexos numa harmonia de pensamento. Essas reflexões dependem do desenvolvimento bem estruturado de esquemas no nível operatório-concreto e principalmente abstrato, estes dependem dos estágios anteriores, que como foi discutido, tiveram seu desenvolvimento muito precário.

2 O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE PIAGET

2.1 Análise do filme de acordo com a teoria piagetiana

Se no primeiro filme elabora-se as ideias de Piaget sobre do déficit de um personagem, neste segundo se elabora a genialidade de um personagem.

A que nível de desenvolvimento depende mais um gênio? Expressando o gênio como aquele viu ou formulou algo que impacta seu tempo, o gênio depende obviamente de todos os estágios desenvolvidos, destacando em seu cume, o estágio operatório abstrato, ao qual, se caracteriza pela esquematização mental hipotética de processos lógicos, ou seja, o ser pode

¹³ Referente a cena ocorrida à 1h13min24s

¹⁴ Referente a cena ocorrida aos 57min50s

¹⁵ Referente a cena ocorrida à 1h03min48s

¹⁶ Referente a cena ocorrida à 1h17min50s

¹⁷ Referente a cena ocorrida à 1h23min48s

colocar-se numa situação e imaginar as variáveis nesta ocasião e possíveis ações sobre estas, prevendo seus resultados. No operatório-concreto (estágio anterior ao abstrato), a criança já consegue antever suas ações, mas apenas frente a situação que estiver, no abstrato ela pode antever suas ações em situações hipotéticas.

Tal estágio é essencial para William Kamkwamba que para poder imaginar onde seu conhecimento de engenharia poderia ser melhor aplicado para a vila necessita exercer de tal pensamento para que pudesse construir a visão da aplicabilidade da eletricidade nas colheitas de seu povoado, além de como engenhar essa visão. Em suma, o ato de planejar depende desse estágio.

Para se ter um bom desenvolvimento deste último estágio foi necessário o bom desenvolvimento de todos os anteriores, já que um depende do outro como base, lembrando que isso é uma “construção”.

Um indício da rica disposição de objetos físicos no desenvolvimento da infância do protagonista, não é apresentada no filme, mas num livro bibliográfico sobre a história de William, escrito por Mealer (2009), onde revela que William costumava brincar com peças de ferro velho com seus amigos, algo que impulsionou seu interesse pela mecânica. Isso dá motivo pela qual o livro que leu na biblioteca, “Usando a energia”¹⁸, não foi apenas uma leitura passiva, como poderia ter sido para outras crianças que viram o livro, pois William desenvolvera esquemas para assimilar os objetos que o eram apresentados, aumentando mais a qualidade dos mesmos durante a acomodação. O que possibilitou trabalhar acima de sua realidade através do aprendido.

No entanto, pode-se dizer que muitas outras crianças estão no contexto de William, formando-se uma pergunta: o que faz William ser diferente de qualquer outro ser que se desenvolveu em contextos similares, como é formada sua busca pelo conhecimento e ao altruísmo para com sua comunidade?

Se poderia alongar sobre os engendramentos e configurações da disposição dos objetos para que a formação desses comportamentos, como se fará na discussão das teorias de Skynner. A despeito das teorias de Piaget se tratará, aqui, de suas ideias sobre a moral.

¹⁸ Referente a cena ocorrida aos 45min33s

2.2 Piaget e a moral

Ao que se relaciona estritamente a teoria do desenvolvimento na formação da moral no ser para Piaget, existe a busca natural do consciente pela lógica. Aquilo que certo é, é próximo da ideia lógica que ou algo é ou não é, essa analogia binária é um exemplo do que pode se desenvolver ao ponto do ser tomar essas posições com relação a outros aspectos da vida, como as normas sociais. Portanto, se a criança busca desde cedo compreender as correlações dos fatores que a envolvem, sendo que esses passam conseqüentemente ao pensamento lógico, a moral é uma face desta característica.

Essa busca natural, no entanto, não é suficiente para o desenvolvimento da moral, essa que deve se formar, necessariamente, na interação do indivíduo com o social. É em meio ao social que as relações se manifestaram, assim como as regras de convívio para relações sadias. O ganho de um grupo é o ganho para todos que estão no grupo.

A respeito do social, Piaget trabalha as ideias de Bovet e Durkheim, na tentativa de unilas, as integrando a sua teoria do desenvolvimento, este que culmina num trabalho também associando as ideias de Kant sobre a moral.

No princípio o ser é amoral, seus atos não totalmente desconexos a qualquer tipo de regra ou valor. É com o passar do tempo que a rotina dos comportamentos da criança seguirá algumas regras definidas por seus cuidadores, o que incentiva o desenvolvimento dessas regras é o sentimento de medo e amor nessa relação coercitiva das crianças com seus responsáveis.

Tal relação só será possível a partir do desenvolvimento da criança, pois não há relações sem o desenvolvimento da ideia de outro, algo que se forma no estágio sensório-motor, permitindo que no estágio pré-operatório se iniciem as relações. Ou seja, do nascimento aos dois anos a criança está num estágio de anomia, sem qualquer compromisso com regras a moral, a partir dos dois anos a criança começa relações coercitivas, com seus cuidadores, portanto começa a exibir comportamentos padrões, obedecendo aos mesmos por afeto ou por medo.

O ser humano, já em estágio pré-operatório além de desenvolver seu comportamento regado a partir da coerção também desenvolve regras de relação nas relações de cooperação. Essas relações são experimentadas nas atividades grupais com integrantes “iguais” (ex: duas, ou mais crianças, mais ou menos da mesma idade). Nesse cenário as crianças não criam regras morais, mas sim regras de interação, ou “regras do jogo”, que se manifestam nas relações entre elas.

A diferença entre as regras de convívio criadas pelas próprias crianças e as dadas pelos pais (ou responsáveis), é que a segunda, pela impossibilidade maturacional da criança trabalhar com os objetos morais, ou seja, incapaz da crítica, a criança toma as regras dadas, primitivamente assimiladas, como coisas absolutas (mesmo que esta não siga esses preceitos em seu comportamento). Sendo as regras do jogo trabalhadas empiricamente entre as relações das próprias crianças.

É na fase operatório-abstrato (iniciando nos 10-12 anos) que o ser saberá trabalhar com os objetos morais de modo crítico, refletindo sobre a falibilidade de certas regras, e a própria busca por regras mais adequadas.

2.3 A moral de Piaget aplicado ao personagem William

A analogia feita entre a moral e a genialidade de um William se dá no entendimento de que a decisão de estudar e usar o que sabe para ajudar o seu povo são decisões e ações que não existem sem passar pela conduta moral.

O que diferencia William das outras crianças? Primeiro seu interesse pela mecânica¹⁹ e pelos estudos. Sendo que tal interesse tenha sido influenciado antes do contato escolar, pois já concertava rádios antes de adentrar na escola, suas boas condutas devem ter sido influenciadas anteriormente pelos seus responsáveis.

Para que os responsáveis passem bons objetos morais para a criança assimilar (da maneira que pode), os pais devem usar do medo (da orientação, imposição, inspiração) e do amor (afetos, presenças, inspiração). Essas características são encontradas no pai de William²⁰. O pai de William é chamado por seu velho amigo, de “O PAPA”, uma brincadeira que representava, sua honestidade. Além de sua insistência e na valorização da educação dos filhos, algo que não é um consenso das pessoas na região em que estão, já que seu pai é confrontado pelo sobrinho que traz a educação dos filhos como algo negativo²¹.

Sendo a educação moral diante das relações coercitivas (pais e filho) de William ter sido boa referente aos aspectos mencionados acima, quanto as tuas relações colaborativas, também se viu grande vantagem²². William possui grande apoio social pelas suas engenhosidades, sendo requisitos para que adentre a grupos de jovens e que por estes seja admirado. Ou seja, as relações

¹⁹ Referente a cena ocorrida aos 17min36s

²⁰ Referente a cena ocorrida aos 36min26s

²¹ Referente a cena ocorrida aos 21min31s

²² Referente a cena ocorrida aos 21min11s

colaborativas do protagonista se baseiam na troca da aceitação e admiração coletiva em troca das soluções de problemas mecânicos e eletrônicos para com o mesmo grupo.

Tais fatores combinados, são uma distribuição fértil de objetos morais que, por sua vez faram parte dos esquemas formados por William em suas decisões e condutas, e que com esse desenvolvimento em sua fase operatório-abstrata, pode se projetar e elaborar ações baseadas nesses esquemas.

3 KASPAR HOUSER E O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY

3.1 Teoria de Vygotsky

Trazendo em suas teorias, ideias que exprimem de maneira canônica as marcas de seu tempo, Lev Vygotsky (1896-1934), assim como Piaget buscou gênese do saber, Vygotsky buscou a gênese do social no ser na formação das funções psicológicas superiores, (REGO, 2018b).

Vygotsky concebeu sua teoria do desenvolvimento humano numa evolução linguística do ser social, não que ele fosse ignorante de perspectivas que traziam a evolução cognitiva em pauta, mas Vygotsky considerava como mais importante e definidor do desenvolvimento do homem, suas interações sociais, abstraindo muitas de suas ideias das produções acadêmicas de Karl Marx e Friedrich Engels referente a sociedade. Sua inspiração levou a considerar a práxis como desenvolvida do homem, onde na interação social se faria toda a complexidade mental que se encontra nos adultos, (REGO, 2018b).

Para o autor, a linguagem não é o pensamento, mas é a ferramenta usada pelo cognitivo. A partir do nascimento, a criança é introduzida a palavra e ao decorrer do tempo a linguagem no sujeito irá ficando mais rica e complexa. (REGO, 2018b).

Vygotsky define as fases da linguagem que são construídas no indivíduo: (0-3 anos) *social*: onde o bebê usa a linguagem apenas pela contingência social em atender suas necessidades; (3-6 anos) *egocêntrica*: fase em que a criança usa a fala para com ela mesma, regulando suas ações; e (6 anos em diante) *interior*: a criança não fala mais externamente para regular suas ações, ela possui uma fala internalizada. (VYGOTSKY, 2008).

Vygotsky diferencia a linguagem internalizada (ou mais especificamente o signo internalizado) da ferramenta, pois a ferramenta é um recurso feito pelo homem para modificar o mundo a sua volta, e a palavra é um recurso construído pelo homem para modificar a si mesmo. E o signo se limita a isso na cognição, o signo não é o pensamento em si, ele é uma “ferramenta” cognitiva, diferente das que usamos externamente, ao qual enriquece o pensamento. Porém, o desenvolvimento do indivíduo não se dá na linguagem pura e propriamente dita, ele se desenvolve nas relações sociais, e o signo é formado nessas relações. Por isso, Vygotsky compreende o indivíduo como ser sócio-histórico, o social influencia na sua formação, de maneira única, e esse único, o é, porque não há outro que possua experiências exatas como ele, formando sua história singular, (VYGOTSKY, 2008).

No que diz respeito a aprendizagem em si, Vygotsky define a Zona de Desenvolvimento Proximal (ou ZDP), um conceito que define que toda criança pode aprender algo novo, se respeitado o nível de aprendizagem que ela está, e o que ela pode aprender a partir desse nível com a ajuda de alguém mais experiente. (VYGOTSKY, 2008).

3.2 Análise do personagem Kaspar Houser sob a ótica de Vygotsky

Se havia dúvidas quanto ao desenvolvimento fraco ou nulo diante das perspectivas de Piaget, diante das de Vygotsky há a certeza de que esse desenvolvimento não ocorreria. Para Lev Vygotsky a única evolução que veio ao homem, desde de quando esse pode formar sociedades, é justamente a evolução social, e esta é detentora do poder das faculdades superiores só vistas no homem. Sendo assim, um indivíduo só atinge as capacidades plenas de ser humano estando em contato com o social, usando da característica mais bem formada na espécie, a linguagem. Dessa forma podemos ver movimentos contrários na perspectiva de Piaget e Vygotsky, o primeiro possui um movimento de dentro para fora onde o indivíduo se socializa em decorrência da evolução das faculdades superiores humanas (sendo que elas dependem mais do que a socialização para se desenvolverem, segundo o autor, não que este desconsiderasse esse fator social). E no segundo há um movimento de fora para dentro onde o indivíduo desenvolve as funções psicológicas superiores a medida que socializa (já que a socialização é fator principal para o desenvolvimento de acordo com este autor), (REGO, 2018b).

Essa diferença dos autores se dá por Vygotsky o qual fundamenta em sua teoria que qualquer função superior consolidada no psiquismo é antes vivenciada na interação, para que posteriormente seja consolidada, Rego (1995)

Portanto, se Kaspar realmente carecera de anos do convívio social, levaria, pelo menos, os mesmos anos como uma criança comum para desenvolver as faculdades superiores (após a saída do cativo), por isso, poderia demorar mais de 6 anos para esse desenvolvimento ocorresse. E mesmo que se considerasse que passou por um pouco da fase da linguagem social (pois necessitaria de cuidados mais atentos enquanto bebê, antes de ser trancado, assim tendo acesso à linguagem) ainda levaria mais de 3 anos para que ocorresse. Isso está um pouco dentro da margem de tempo do filme, e de sua história, onde passou 5 anos em sociedade até ser assassinado. Porém, para Vygotsky as estruturas superiores, não são uma pilha superior colocada acima de funções primitivas, a estrutura psíquica em si se adapta, fazendo com que anos de isolamento corromperão uma possível evolução anterior ao social. (NETO; BARRETO; AFECHE, 1998).

O filme mostra-se controverso, por exemplo, quando, ao ser adotado pelo professor Daumer, Kaspar Hauser diz: “Quero ser um cavaleiro que voa para um combate sangrento”²³. Isso demonstra uma abstração que necessitaria de um tempo bem maior para se desenvolver.

Portanto, se em alguns trabalhos, como o de Blikstein (2003), dizem que Werner Herzog (diretor do filme) quis transparecer que o aprendizado da fala não foi suficiente para a socialização da mente. Este trabalho conclui que essa socialização, no período de tempo proposto, foi, na verdade, impressionante, por ter se socializado tanto com tão pouco tempo em meio a práxis social de que permitem a boa internalização dos signos.

Agora, sobre os problemas que Hauser demonstrava, mencionados no filme, como a problemática da torre, em específico: Vygotsky não definia leis de cognição tão engendradas quanto Piaget [ou são desconhecidas por esse trabalho, embora os autores Neto, Barreto e Afeche (1998) tenham destacado que Vygotsky não estruturou a forma de pensar a criança como Piaget e Wallon o fizeram, ficando a cargo das interações únicas na práxis social, exercida pelo ser, como fornecedora dos signos (ou ferramentas cognitivas) que fazem Houser compreender a realidade. Por isso, ele poderia possuir estes problemas das formas apresentadas, dependendo muito do quão bizarra seja sua dialética do pensamento em meio as interações sociais que tenha. É claro que ficaria a dúvida do porque ele ter tal problema de dimensão, já sendo tão fluente pelo pouco que tenha visto, e já tendo saído e entrado de tantos lugares, sendo assim, o modo como foi apresentado o problema ainda é pouco provável, mas diferente de antes, ainda é possível. Apesar de Vygotsky ter tido contato com as teorias de Piaget, e ter se admirado destas,

²³ Referente a cena ocorrida aos 57min33s

com ressalva a penas não exploração de Piaget na linguagem e no social, como afirma Rego (1995).

Quanto sua posição aversiva ao que tentavam lhe impor, como usa incapacidade e até mesmo recusa à religião e as interações com a alta nobreza. É interessante discutir o porquê da recusa a essas ideias.

Se a partir de certo momento a criança possui recursos mentais para a linguagem interna a partir das práticas anteriores com o social, e se com esse é possível levar a palavra a práxis ao invés da práxis a palavra, como era anteriormente nos estágios mais inferiores da linguagem, porque parece menos possível levar Kaspar a aceitar o convívio da burguesia, ou ir à igreja?²⁴

Para essa questão se trabalhará com o que alguns outros artigos fazem dialogando Kaspar e as teorias da linguagem, como os dos autores Cleto e de Almeida (2016) e Saboya (2001). Deste modo vendo Kaspar que chega a cidade, que se afronta com a visão da galinha²⁵, é alguém que nunca havia socializado, e tudo no mundo é estranho a ele, todas as coisas que acontecem, para ele, provavelmente são quase todos fenômenos contra intuitivos. Já que o reconhecimento do que é um cavalo (como sua comunidade pensa), é necessário experiências sociais que lhe deem os signos de animal, andar (quando se anda vai para frente), transporte, grande, montaria, etc.

Dessa forma, ele não é capaz de entender o que pela práxis não virou linguagem, e certamente, não entender a ideia de deus, ou de etiqueta, o priva dos estímulos que levam as pessoas ao adotá-los. Porém, Kaspar se apresenta não só como um mau entendedor do que se passa a sua volta, Kaspar também chega a se posicionar contra essa realidade em momentos. E um posicionamento, usando da linguagem não é somente causa do desentendimento, pois não é ofensa aquilo que não se entende como uma.

Nesse caso Kaspar se posiciona contra algumas facetas do social, pois já teve experiências que o levaram a encarar esses lugares como aversivos. Visto as reclamações embravecidas dos religiosos²⁶; a exclusão do lógico na sua fala²⁷; Aos que o zombaram²⁸; E ao traje que aperta sua garganta e dificulta a passagem do ar a seus pulmões²⁹. Totalmente contrário aos bons modos e paciência para com ele e da maneira gentil que o professor Daumer, e sua

²⁴ Referente a cena ocorrida à 01h28min21s

²⁵ Referente a cena ocorrida aos 43min15s

²⁶ Referente cena ocorrida à 01h03min48s

²⁷ Referente cena ocorrida à 01h17min50s

²⁸ Referente cena ocorrida aos 43min15s

²⁹ Referente cena ocorrida à 1h25min34s

empregada, tem com ele. Dando a Kaspar uma grande preferência para com quem se relacionar, e com o que quer e o que não quer com a sociedade.

Somando então, sua não interiorização do que é considerado belo e/ou divino, o que se há de ser admirado de acordo com a sociedade, e sua preferência por alguns contextos, ao invés, de outros o levam a uma posição. Uma posição contra a práxis social, se posicionando contra o trabalho (concebida como a maior das atividades humanas pelos influenciadores de Vygotsky) como se pode perceber nos seguintes frases do filme: *Kaspar, o que diz não faz sentido. Que sua cama é o único lugar agradável do mundo. Que todo o resto é ruim. Não gosta mais do jardim? Das groselhas maduras? Ou das cebolinhas? Desse verde?*³⁰.

3.3 Análise do filme *O Menino que Descobriu o Vento* de acordo com a perspectiva de Vygotsky

Como dito anteriormente, William se destacando em sua comunidade por ser diferente, mas dessa vez não pela insatisfação com seu aprendizado e socialização, mas pela admiração da qualidade destes que o levaram a ser reconhecido por todos como um gênio dado as condições de onde vivia.

Só porque ele possui uma diferenciação social, seu surgimento não pode ser separado de mecanismos sociais, algo considerado por todos os autores mencionados neste trabalho. Portanto, com Vygotsky não é diferente, e ao contrário, ele representa provavelmente o pico desta consideração, pois os mecanismos de desenvolvimento em suas ideias são absolutamente sócio-históricos numa dialética. (REGO, 2018b).

Portanto, se analisa que William é um jovem que desde pequeno lidava com aparelhos eletrônicos, chegando a ganhar uma renda consertando aparelhos para os chegados, dessa maneira temos uma práxis (uma atividade) que possibilita uma aproximação muito maior com a linguagem técnica do livro *Using Energy* de Atwater (1995), que o inspirou a fazer o gerador eólico.

Tal aproximação se justifica na experiência com os significados da linguagem usada no livro. Ou seja, pela sua bagagem maior com essa prática sua zona de desenvolvimento proximal (ZDP) está com uma base maior, possibilitando que o livro (*Using Energy*) seja uma fonte de maior potencial de aprendizagem, seja na facilidade de aprendê-lo ou o que essa aprendizagem

³⁰ Referente cena ocorrida à 1h28min44s

o leva a pensar (ou seja, o protagonista tem experiências prontas para se tornarem funções e signos valorosos ao pensamento). Diferente de outras potenciais crianças de sua comunidade que leriam o livro.

Além disso, William possui também, a práxis de usar o aprendido para o benefício comum, desse modo, há um histórico de correlação entre aprender e usar: um ato empreendedor. Para isso, é importante lembrar que o livro não falava apenas tecnicamente da geração de energia em si, falava uso de energia renovável. Portanto, já era um livro além do técnico, um livro que também carrega signos de fazer diferença no mundo. E como tais signos, também foram melhor absorvidos pelas experiências anteriores de William.

Mas para que isso ocorresse, William teve de estar num ambiente culturalmente fértil. Essas práticas não seriam possíveis sem o desenvolvimento de faculdades superiores capazes de lidar e desenvolver essas ideias, já que para toda função são as interações que estimulam e fornecem ao psiquismo algo ao qual absorver e desenvolver internamente, conforme Rego (1995). E esse protagonista em particular, apesar de estar fora de uma universidade, seu ambiente cultural mostra-se riquíssimo. Pois brinca com seus amigos com aparelhagens³¹, a mecânica está na interação social que o eleva em reputação a grupos de jovens ainda mais experientes; seu pai e amigo possuem uma aproximação política extrema na região, fazendo parte do cotidiano de William esse contexto de mobilização, de grupo e de comunidade; por último, a relação com os pais que revela a expectativa de um futuro acadêmico ao filho.

4 KASPAR HOUSER E O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO NA PERSPECTIVA DE HENRI WALLON

4.1 Teoria de Wallon

³¹ Referente cena ocorrida aos 17min40s

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), procurou a gênese dos processos psicológicos, diferente de Piaget que buscava a gênese do conhecimento, e de Vygotsky que foi atrás da gênese social. (REGO, 2018c).

Wallon estabeleceu correlações do aspecto emocional e cognitivo, e interações desses dois fatores humanos, integrando ao emocional no desenvolvimento do indivíduo. Além disso esse autor considera as inter-relações entre os todos os ambientes que indivíduo interage, e suas inter-relações são os grandes influenciadores de como o indivíduo se comporta. Desfocando desse modo de um ambiente específico como responsável pela maior parte das características do indivíduo. Desse modo, ele vai além de Vygotsky em sua análise da personalidade através do drama.

Esse autor também propõe seus próprios estágios do desenvolvimento: (0-1 anos), 1º Estágio impulsivo-emocional (composto de duas fases): a criança é apenas emoção, e suas ações não são mais que os impulsos emocionais estimulados por suas necessidades internas. Além disso, o bebê (0-3 meses) não possui movimentos diferenciados enquanto, a criança (3-12 meses) já os começa a desenvolver; (1-3 anos), 2º Estágio sensório-motor e projetivo: A criança atua sobre o mundo, projetando o ato mental sobre os objetos, e é chamado de projetivo pois a criança ainda não volta o pensamento sobre si mesma ainda, ela só projeta o seu interesse em atos motores. (3-6 anos), 3º Estágio do Personalismo: é um período onde a criança está formando o senso de si e de identidade, nesse estágio ela exibe fortes comportamentos de imitação social, enquanto negam o adulto (ou crise negativista). (6-11 anos), 4º Estágio categorial: a criança desenvolve memória e atenção voluntários, além de ser capaz de pensar em categorias (ex: bolo, bala, caramelo, chocolate, fazem parte da categoria dos doces); (11 anos a diante), 5º Estágio da adolescência: a criança está adentrando a adolescência, passando por alterações hormonais que mudaram vários aspectos do seu corpo, assim como vão aflorar a sexualidade causando conflitos internos, sendo o campo afetivo a característica mais marcante desse período. Também há um grande aumento do poder de abstração, junto a uma tentativa de explorar e formar limites entre dependência e independência. (REGO, 2018c).

Wallon também se dedicou na área psicomotora, de forma bem mais aprofunda que Vygotsky e até Piaget. Realizando conexões da motricidade com os aspectos cognitivos e emocionais, que poderiam ser notados em correlações visíveis de como o sujeito age com potenciais habilidades cognitivas, *self* e personalidade. (WALLON, 1995).

4.2 Kaspar Houser à luz de Wallon

Assim como Piaget, Wallon leva muito em consideração as partes cognitivas em seu estudo, porém, ele em particular, associa a afetividade a razão (realizando um longo estudo sobre esse campo, sendo a afetividade um fator biológico de grande influência que é parte fundamental do desenvolvimento junto a cognição. (REGO, 2018c).

Diante de Kaspar Hauser, portanto o autor possui um grande leque de interdependências entre o a interação com o outro e o desenvolvimento, e assim como diante de Vygotsky, porém Wallon cita muito a necessidade do desenvolvimento de ligações neurais que possibilitem certas ações do indivíduo, mais não especifica tanto quanto ao jogo da interdependência de dessas ligações biológicas e o desenvolvimento. Nesse caso, ele poderia ter ligações previamente formadas, que pudessem facilitar seu contato com o mundo exterior, mas é indispensável o social para uma real maturação. (WALLON, 1995).

É importante trazer que apesar das futuras conexões feitas pelo cérebro após o nascimento, o tamanho do cérebro não apresenta modificações muito perceptivas (COSTA; AZAMBUJA; PORTUGUEZ, 2004). Ou seja, elas se formando ou não, não seria algo a se notar se abrissem cérebro do personagem após sua morte.

Isso já revela outra contradição nas atitudes de Kaspar no filme, segundo o seu desenvolvimento apresentado. No início, o protagonista pouco reflete sobre a realidade a sua volta, ele pouco compreende ou fica admirado por ver um homem pela primeira vez, como uma ação reflexiva, ao contrário ele é apenas projetivo. Propondo-se que na teoria de Wallon, Kaspar se encontra na 2º fase de desenvolvimento, que é caracterizada pela projeção do sujeito ao mundo, essa realidade a qual o filme apresenta entrega que as conexões nervosas, que fazem parte do programa de desenvolvimento biológico, discutido anteriormente, não se formam sem a interação com o social, o que significa que Kaspar necessitaria de mais 9 anos para completar o ciclo de desenvolvimento proposto por Wallon.

É claro que se cabe dialogar sobre como se daria um desenvolvimento tão diferenciado, levando em conta que já possui o sexo desenvolvido, e suas características se assemelham a outros que não as crianças ao qual compartilhariam grau de desenvolvimento semelhante. Então Houser, na perspectiva de Wallon e Vygotsky está, provavelmente mais fadado a maiores comprometimentos mesmo diante do social. Sendo mais uma vez, a evolução tão rápida do mesmo algo duvidável.

O tipo de contexto gerado por uma grande diferenciação entre ele e seus semelhantes gera grandes barreiras em lombadas para o seu desenvolvimento.

Tal impacto pode comprometer até o senso de si mesmo devido ao grau de prejuízo nos estágios de conflito (crise negativista, e o limite entre dependente e independente), e como dito anteriormente, sua diferente situação entre os membros da sociedade, o coloca em inter-relações muito diferente das comuns na vida dos indivíduos.

Além disso, lhe poderia lhe faltar muito da empatia (além da defasagem em vários outros aspectos emocionais), sendo os seus gestos cariosos, com pássaros e com o bebê também duvidosos. Talvez seja certo, sua pouca estimulação por autoridades afinal.

Com Wallon também é possível trabalhar psicomotricidade do personagem. Nas primeiras cenas, Kaspar tem sua mão conduzida a escrever seu nome, e após algumas horas o reescreve para o grupo de homens que o amparava.

Já na fase que de desenvolvimento que Kaspar se encontra, realizar e gravar grupos de movimentos organizados. Kaspar, sem um desenvolvimento motor mais fino, um treino com o formato do lápis, a fixação da mão nos pontos, a pressão exata no papel, sem a noção alguma ou lembrança prévia das estruturas das letras para lembrar mais facilmente de sua configuração, é improvável que conseguisse realizar tal feito. Isso também se aplica a reprodução das falas no início do filme, como: “house”, pois primeiro é necessário o aparecimento gestos monossilábicos.

No desenvolvimento do personagem, pode-se elogiar o trabalho das duas crianças que lhe ensinavam a falar e se conhecer através de atividades corporais. Essa passagem obedece às recomendações de psicomotricidade feitas por Wallon (1995). Tocar, nas partes do copo e identificar, usar jogos no processo de aprendizagem da fala, coordenação motora e memória foram bons treinamentos mostrados no filme.

A atividade de tocar piano, por exemplo, contemplada pelo protagonista não parece ter impedimentos teóricos claros, pode-se induzir uma criança realizar uma atividade de vez de cedo, porém antes de iniciar essa prática, Kaspar contempla o toque das notas, expressando palavras de comoção, descrevendo a sensação que sente no peito. A identificação emocional forte com uma música, a reação emocional contingente são muito difíceis de serem provocadas em um indivíduo tão fora do convívio essa cultura, são seus primeiros anos com as pessoas, e seus comportamentos, há poucas memórias que fluam com o prazer das notas apesar de o som ser harmônico. A comoção com a arte é um processo de inserção cultural complexo que geralmente demanda mais experiência.

Vygotsky e Wallon, diferentes de Piaget possuem outra concepção sobre a evolução nos estágios de desenvolvimento, sendo que a passagem entre estágios pode ser mais dinâmica, uma

pessoa pode tanto evoluir no desenvolvimento quanto perder aspectos que já havia adquirido. No entanto, isso ainda não descarta a necessidade de uma passagem por todas as etapas.

Isso abre espaço para reflexões como: se no caso de Kaspar, fosse possível que ele desenvolvesse o 2º estágio apenas desenvolvendo a percepção de si, que fosse mais uma habilidade dada mais biologicamente do que socialmente, ao contrário dos ensaios de Vygotsky. Então ele poderia ter desenvolvido de forma diferente o *self* e a partir daí a memória voluntária e a capacidade de abstrair. *Desenvolvido de forma diferente*, porque Wallon chama a atenção sobre as etapas da vida da criança se comporem de diferentes sistemas e não simplesmente sistemas em miniatura dos encontrados no adulto (o sistema cognitivo não é um empilhamento de habilidades anteriores, é um sistema que se modifica em si ao decorrer do tempo). (WALLON, 1995).

Contra esse pensamento, Wallon também traz grandes ensaios sobre a necessidade e efeitos do social no desenvolvimento. Em sua teoria, a emoção é a primeira das linguagens (algo que Piaget discordava). O cognitivo não está a parte do emocional ele é são partes constituintes um do outro, as emoções são também as reações químicas que fazem as ligações no cérebro humano, sem o estímulo emocional não há pleno desenvolvimento (WALLON, 1995). Seria um sistema diferente, e muito defasado em habilidades comuns. Talvez apático, como ou mais que Kaspar no início do filme, pela nula exposição a outro ser humano.

4.3 O personagem Willian sob a ótica de Wallon

No caso de William temos alguém engajado em sua comunidade, que participa do encontro de adolescentes que compartilham ideias, inclusive políticas, além de querer participar das reuniões com o líder da comunidade, mesmo não sendo chamado. Ou seja, William não é apenas alguém que aprende eletrônica, ele é alguém que aprende visando um benefício mútuo.

Levando em conta que a emoção é um aspecto importantíssimo, tanto para a memória do aprendido tanto da maior generalidade que esse conhecimento se integra com outros, se poderia dizer que antes, o engajamento social foi a base para que o conhecimento o técnico o tornasse genial. Uma grande evolução emocional possibilitou a busca de William por soluções.

As áreas da vida a qual o protagonista trafega, família, comunidade, escola, amigo, possuem influencia mútua no sentido de agregar os comportamentos projetivos de William sobre a eletrônica e realidade, de se posicionar como agente de mudança, a abstrair sobre as

possibilidades da sua criatividade, esse equilíbrio é fundamental na aprendizagem de competências e sua aplicabilidade, pois os cenários do cotidiano formam uma sinergia para o seu potencial criativo. (REGO, 2018c).

CONCLUSÃO

É impossível desconsiderar a contribuição de alguns dos teóricos citados durante o texto para a interpretação do desenvolvimento humano. Atualmente, essa área da psicologia já recebeu bem mais pesquisadores e estudiosos que ampliaram e aprofundaram o debate a respeito do mencionado campo de estudo, sem esquecer importantes autores contemporâneos como Freud e Skinner. Bem como, notórias contribuições atuais como as de Albert Bandura, Bruner, Ausubel, entre outros.

No tocante às leituras dos autores clássicos que embasaram o presente artigo, contudo, pode-se afirmar que todos os três apresentam pontos que enriquecem a compreensão do processo de desenvolvimento humano: uma maior aspecto linguístico e social por Vygotsky, um engendramento cognitivo mais detalhado por Piaget, e a exploração de Wallon sobre a emoção (e a linguagem da emoção), bem como o aspecto motor e contextual do indivíduo.

Pode-se concluir com base nos autores citados que William procurou revelar o potencial humano, junto aos elementos combinados e responsáveis por essa elevação. Em suma, que uma boa exposição a estímulos cognitivos, corpóreos e emocionais, o acesso a um engajamento comunitário, além de um atendimento perseverante das necessidades individuais e comunitárias com o ganho de recompensas físicas, e principalmente emocionais (ex: prestígio), são ingredientes para a boa formação de pessoas capazes de produzir socialmente.

Kaspar Houser, contudo, uma figura trágica, dos contos é desmembrada revelando vários erros na construção dessa personagem, na concepção desses autores permitindo trabalhar suas teorias de forma reflexiva, abrangendo a didática desse assunto. No geral, nuances da representatividade de suas falhas, o tempo que levou para aprender coisas novas; habilidades através dos métodos investidos, suas falas, exprimem pouco do que seria na realidade, acentuando a dúvida sobre a veracidade da história desse indivíduo.

REFERÊNCIAS

ATWATER, M. *Using Energy*. McGraw-Hill. Paperback - Student Edition, 1 de jan. de 1995.

Avaliação neuropsicológica da criança. *Jornal de Pediatria*, 80(2, Suppl.), 111-116, 2004.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D. & HANESIAN, H. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana. Tradução para o português do original *Educational psychology: a cognitive view*. 1980.

BANDURA, A. *Aprendizagem Social e Desenvolvimento da Personalidade*. Holt, Rinehart & Winston, INC: NJ. 1975

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. Editora Cultrix, 2003

BOVET, P. *O ensino religioso e a psicologia da criança*. São Paulo: Atlantida, 1974

BRUNER, J. *Realidade Mental Mundos Possíveis*. Porto Alegre: Artmed. 1986

CLETO, E. A. T; ALMEIDA, C. R. O enigma de Kaspar Hauser e a importância da linguagem no processo socializador. *Revista Café com Sociologia*, 5(2), 166-178, 2016.

COSTA, Danielle. *Et al.* Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg. *Perspectiva*, 9(16), 58-78, 1991

DURKHEIM, E. *A educação moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREITAS, L. B. D. L. Piaget e a consciência moral: um kantismo evolutivo? *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(2), 303-308, 2002.

KAMKWAMBA, W.; MEALER, B. *O menino que inventou o vento*. Rio de Janeiro, 2011.

LA TAILLE, Y. J. J. M; Oliveira, M. K. D; Pinto, H. D. D. S. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*, São Paulo: Summus, 1992.

NETO, C; BARRETO, L. S. M.; AFECHÉ, S. C. A (orgs) *formação social da mente. Vygotski, L. S. Psicologia e Pedagogia. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Psicologia, 153, V631. São Paulo: Martins Fontes, 1998

NIETZSCHE, F.; SOUZA, P. C. *A gaia ciência*. Companhia das Letras, 2017.

O ENIGMA de Kaspar Houser. Produção e direção de W. Herzog. Alemanha Ocidental: Zweites Deutsches Fernsehen, 1974. DVD, color.

O MENINO que descobriu o vento. Produção de Chiwetel Ejiofor. Reino Unido e Malawi: Potboiler Productions, Participant, BBC Films, British Film Institute. 113 minutos, 2019.

PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. Ed. Summus, 1994.

REGO, T. C. *Henri Wallon: afetividade e construção do sujeito*. São Paulo: Segmento, 2018c

REGO, T. C. *Jean Piaget: os caminhos do conhecimento: a trajetória de um intelectual em direção à construção de uma epistemologia genética*. São Paulo: Segmento, 2018^a

REGO, T. C. *Lev Vygotsky: precursor da teoria histórico-cultural: a importância da cultura e da linguagem na constituição do psiquismo*. São Paulo: Segmento, 2018b

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação*; Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. *Psicologia USP*, 12(2), 105-117, 2001.

SANTOS, R. Conversamos com William Kamkwamba, o menino africano que construiu um moinho com lixo e dois livros de física. *Galileu*. Ed. 221, Dez de 2009. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu>. Acesso em: 02 de ag. de 2020.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, H. Henri. *A evolução psicológica da criança*. Tradução Cristina Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1995.